

## (RE)UNIR FIOS DE AFETO: SOBRE O ATO DE TECER O AMOR COM CHRISTINE DE PIZAN E BELL HOOKS<sup>37</sup>

Alina Matos da Rocha<sup>38</sup>

**Resumo:** Este artigo busca discutir o tema do amor na obra "A cidade das damas" através da reflexão, aprendizado e relação afetiva estabelecida entre a discípula Christine de Pizan com as mestras e damas alegóricas: razão, retidão e justiça. Para isso, iremos nos lançar à análise do amor na Cidade das damas a partir da escuta do texto "Vivendo de amor", de bell hooks, que nos alerta sobre a importância da educação dos afetos na luta contra a opressão. Em "A cidade das damas", não foi sem afeto que Christine de Pizan entrou na batalha contra a opressão feminina. Dessa forma, o intuito desta tessitura é (re)conhecer o amor como um afeto vital na autoafirmação feminina e (re)unir os fios que atravessam, (des)enrolam, (inter)ligam e estabelecem um diálogo entre bell hooks e Christine de Pizan desde perspectivas e mundos diferentes, mas que se encontram na luta contra a opressão.

**Palavras-chave:** Afeto. Christine de Pizan. bell hooks. Amor. Educação.

**Abstract:** This article seeks to discuss the theme of love in *The City of Ladies* through the reflection, learning and affective relationship established between the disciple Christine de Pizan and the allegorical masters and ladies: reason, righteousness and justice. In order to do this, we will begin to analyze love in the *City of Ladies* by listening to the text *Living to Love*, by bell hooks, which alerts us to the importance of educating the affections in the fight against oppression. It was not without affection that Christine de Pizan entered the battle against female oppression in *City of Ladies*. In this way, the aim of this essay is to (re)understand love as a vital affection in female self-affirmation and (re)unite the threads that cross, (un)wind, (inter)connect and establish a dialog between bell hooks and Christine de Pizan from different perspectives and worlds, but which meet in the fight against oppression.

**Keywords:** Affection. Christine de Pizan. bell hooks. Love. Education.

---

<sup>37</sup> Esta discussão foi publicada primeiramente na Revista *Textos Graduated*, v. 2, n. 1, 2016. Republico aqui com algumas modificações. Considero que um texto é como um rio que flui, e (assim como as pessoas) não permanece o mesmo. Texto revisado com o apoio do financiamento da Bolsa Prêmio Capes de Tese (Edital n. 04/2024), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>38</sup> Doutora em Metafísica pela Universidade de Brasília - UnB, onde é também pós-doutoranda. Integra o Núcleo de Estudos de Filosofia Africana "Exu do Absurdo" da Universidade de Brasília (NEFA/UnB) na linha de pesquisa Filosofia Africana e Educação, inscrito no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Também integra o GT de Filosofia e Raça da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia).

## INTRODUÇÃO

Lembranças de outros tempos  
refletindo como um espelho...  
Toda a esperança, toda a derrota  
(Walker, 1998, p. 47).

Análogo à vida (e a morte) um texto também possui história(s). Este texto surgiu da confecção de trabalho final da disciplina *Ideias Filosóficas em Forma Literária*, oferecida pelo departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, e ministrada pela professora Ana Míriam Wuensch no segundo semestre de 2012, no qual se matricularam estudantes de diversas áreas da graduação, como Letras, História, Biblioteconomia, Comunicação, Ciências Sociais e Filosofia. O curso foi um convite para a leitura do livro *A cidade das damas*<sup>39</sup>, da poetisa e filósofa italiana Christine de Pizan (Wuensch, 2013, p. 2). A obra foi escrita em 1405 como um manifesto em defesa do papel precípuo das mulheres na sociedade, na qual narra histórias de mulheres que se destacaram no passado visando criticar e combater a misoginia em voga no meio filosófico e literário da época, predominantemente masculino<sup>40</sup>.

Imersa em movimentos de leitura, questionamento e reflexão sobre *A cidade das damas*, muitas inquietações afligiram e moveram meu ser, constituindo por si só um ato filosófico que (dentre as multiplicidades de constituições) consiste em incutir a imperturbabilidade e inquietude diante do que nos é apresentado. De modo que, concomitante à leitura da obra *A cidade das damas*, esteve presente no meu *orí*<sup>41</sup> a intelectual estadunidense bell hooks<sup>42</sup> que

---

<sup>39</sup> Foi utilizado durante o curso a leitura da tese de doutorado: *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan* (2006), de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, na qual a autora estudou e traduziu para o português o texto de Christine de Pizan. Cabe ressaltar que a tradução de Luciana Calado foi publicada em 2012 pela editora Mulheres.

<sup>40</sup> Esse estado de coisas ainda não mudou de forma radical.

<sup>41</sup> Cabeça física e não física.

<sup>42</sup> "bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952 no Kentucky, EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assim mesmo, grafado em letras minúsculas, (...). A justificativa, encontrei depois, numa frase da própria bell: 'o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu'.

atua em oposição ao racismo, ao sexismo e ao classismo, ressaltando as vozes e participações das mulheres negras na sociedade.

Em seu texto *Vivendo de amor* (2000), o tema do amor é enunciado desde a fala e experiência de mulheres negras. Nesse sentido, não bebo apenas da fonte de bell hooks e escuto também os pensamentos de outras intelectuais negras, dentre eles os das escritoras estadunidenses Audre Lorde e Alice Walker, as quais nos auxiliam a (re)conhecer o amor como um afeto vital na autoafirmação feminina, e estabelecem pontes para que o diálogo entre bell hooks e Christine de Pizan, desde perspectivas e mundos diferentes, afine sua sintonia na luta contra a opressão.

## AFETAR-SE COM FILOSOFIA

O amor faz parte da palavra filosofia<sup>43</sup>. Etimologicamente a palavra grega *φιλοσοφία* significa, literalmente, amor à sabedoria. Ou seja, é uma palavra com semântica carregada de afeto: amor, amigo, amizade pelo conhecimento, de si, do Outro, do mundo. No entanto, o amor é um tema pouco discutido na própria filosofia, que tem uma ênfase na racionalidade em detrimento das emoções, dos afetos. De sua gênese etimológica a filosofia esqueceu, desprezou o amor, preservando apenas a sabedoria (racionalidade). Contudo, não podemos esquecer que o próprio ato de amar é um saber. Este é um verbo, e amor também deveria ser um. De acordo com bell hooks (2001, p. 4), “a palavra ‘amor’ é frequentemente definida como um substantivo, mas todos(as) os(as) teóricos(as) mais astutos(as) do amor reconhecem que todos(as) nós amaríamos melhor se a usássemos como um verbo. [...] O amor é uma ação”. A negligência à ação do amor (Eros) é o que motiva as reflexões em *O banquete* de Platão (177b-177c, 2009, p. 33-35):

---

Para ela, nomes, títulos, nada disso tem valor quanto às ideias” (Santana, 2009).

<sup>43</sup> Cabe ressaltar que não defino Filosofia, apenas exponho a etimologia grega da palavra composta por *philo*, que significa amizade, amor. E *sophia*, que significa sabedoria. De fato, não negligencio as problemáticas e discussões acerca dessa definição etimológica, utilizada muitas vezes para legitimar a filosofia grega como a única possível em detrimento de outras formas de se conceber filosofia. No entanto, essas problematizações não serão tratadas aqui. Por fim, considero que a palavra filosofia (considerando a sua etimologia) é grega, a prática não.

Não é estranho, Erixímaco, que, para outros deuses, poetas tenham composto hinos e louvores, ao passo que a Eros, deus de tanto destaque e brilho, poeta algum, embora numerosos, tenha-se lembrado de render homenagem? Repara, rogo-te, os prestimosos sofistas exaltam com textos em prosa Hércules e outros. Lembro o aplaudido Pródico. O mais estranho não é isso. Conheço um livro de um autor erudito que enaltece, para meu espanto, a utilidade do sal entre os encômios a outras banalidades, trivialidades desse jaez abundam. Mas Eros, até hoje, homem algum ousou celebrar condignamente. A negligência obscurece um deus eminente.

O tema do amor é apresentado em *A cidade das damas*, de Christine de Pizan, mas pouco aprofundado na obra como um dos principais motivos que lança a autora a percorrer os caminhos da emancipação intelectual. No primeiro capítulo que narra como e com qual propósito o livro foi escrito, nos deparamos com a autora imbuída numa situação existencial que lhe atordoa profundamente, mas que também a leva a refletir sobre a maledicência perpetrada pelos homens (filósofos, poetas, moralistas, etc.) às mulheres. Em que os homens concluem uníssonos que as mulheres são profundamente más e inclinadas ao vício, à natureza, ao afeto.

Christine de Pizan, meditando sobre essas características depreciativas, se coloca no centro das reflexões e lança um olhar sobre si mesma enquanto um ser na condição feminina (mulher), cuja reflexão perscruta se as declarações de homens dotados de tanto “entendimento” são verdadeiras. Segundo Lourdes Bandeira (2008, p. 212), essas difamações lançadas ao sexo feminino são justificadas pela ausência de mulheres nos discursos filosóficos:

É sabido, que entre os grandes filósofos e pensadores, na história da humanidade, as mulheres estiveram ausentes das discursividades filosóficas, históricas, científicas e culturais (...). Como se observa, a exclusão da presença feminina não era apenas explicitada em termos da naturalização, pois era fartamente justificada pela incapacidade e pelo obscurantismo das mulheres, ao contrário dos homens, que se notificavam pelas luzes e objetividade (BANDEIRA, 2008, p. 212).

A autora, considerando a legitimidade instrucional e “esclarecida” dos homens que maldizem as mulheres, conclui que tais declarações só podem se constituir como verdadeiras. Entretanto, essa conclusão não se atualiza em seu intelecto, que não consegue reconhecer tais características em si mesma e no sexo feminino. Há uma tensão entre o dito (maledicências masculinas) e a

vivência (experiência) consigo mesma e com outras mulheres. Mas a questão da legitimidade instrucional e esclarecida de tais homens que professam injúrias contra o sexo feminino é tão forte que inibe e cega a compreensão da autora sobre a condição das mulheres.

Essa cegueira e incompreensão são refletidas quando Christine de Pizan lança um olhar a si mesma, todavia, o olhar que se volta é absorto por reflexões de desgosto e consternação, o que resulta em um desprezo por si mesma e todo o sexo feminino, como se elas tivessem sido geradas aberrações pela natureza. A autora internaliza um olhar ideologicamente construído de forma violenta, resultando na anulação de si mesma e das outras mulheres.

Ao indagar sobre a sua geração e de outras mulheres, a poetisa lança seus lamentos a Deus, na tentativa de compreender como um ser infinitamente sábio e perfeitamente benévolo poderia ter criado algo que não fosse bom, e se martiriza por Deus não a ter feito nascer homem para desfrutar da grande perfeição que eles possuem, em oposição à imperfeição das mulheres:

Ah, Deus! Como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? Não é verdade que criaste a mulher com um deliberado propósito? E desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, eis tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão. E, se é verdade, meu Deus, que tantas abominações abundam entre as mulheres, como muitos o afirmam – e, como tu mesmo dizes que o testemunho de vários garante a credibilidade –, por que não deveria pensar que tudo isso seja verdade? Que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter? Mas, como tu não quiseste, como não estendeste tua bondade até mim, perdoe minha negligência ao te servir, Senhor Deus, e não te descontente, pois o servidor que menos recebe de teu senhor, menos é obrigado a servi-lo. Com essas palavras e outras mais, propaguei minhas lamentações a Deus, tristemente aflita, na medida em que em minha loucura desesperava-me o fato de Deus ter me posto em um corpo feminino (Pizan, 2012, pp. 60-61).

O convívio com tanta negação ao sexo feminino faz com que a autora negue a si, abrindo mão de sua interioridade e amor que não é exercido no diálogo consigo. Ao negar a si mesma, ela se fragiliza e ao mesmo tempo, se

perde em uma lógica de dominação que promove o controle das pessoas por meio da subjugação e aniquilamento como seres sensíveis e pensantes. Contudo, não sentir, não pensar, não se afetar são os instrumentos da lógica dominante. Em contraposição a esse *modus operandi*, a escritora estadunidense Audre Lorde (2012) enuncia que “os patriarcas brancos nos disseram: penso, logo existo. A mãe Negra dentro de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: eu sinto, portanto eu posso ser livre”. Essa afirmação contraria o que o sistema de negação deseja que as mulheres manifestem: debilidade, esmagamento dos sentimentos e interiorização de inferioridade. De acordo com Audre Lorde (2012):

Dentro de estruturas vivas definidas pelo lucro, pelo poder linear, pela desumanização institucional, nossos sentimentos não foram feitos para sobreviver. Mantidos por perto como adjuntos inevitáveis ou passatempos prazenteiros, era esperado que sentimentos se curvassem ao pensamento, como era esperado que mulheres se curvassem a homens (Lorde 2012, s/p).

Semelhante argumento é utilizado em bell hooks na explicação da interiorização do racismo pela população negra, acarretando na sua constante inferiorização:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, ‘feridos até o coração’, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (hooks, 2000, pp. 188-189).

Os impactos do sistema de dominação racista e sexista no ato de amar das mulheres negras ainda são algumas das justificativas para a solidão, o despedaçamento do seu ser e a destruição da sua autoestima. Algo que pode ser superado por meio do compartilhamento (comunitário) entre mulheres negras de

histórias e experiências, que são poderosos mecanismos de (sobre)vivência. É preciso romper a solidão estrategicamente construída.

Retornando a Christine de Pizan, encontramos uma mulher submersa em aflição, que encontra consolo através da tríade alegórica das damas: razão, retidão e justiça, as quais se comovem com o desespero, a derrota e a desesperança que a autora experimenta em relação à condição feminina. Desse modo, as damas vêm ao seu encontro para retirá-la da profunda cegueira que a consome a ponto de rejeitar o que em seu interior sabe: as mulheres não são profundamente más e inclinadas ao vício. Assertiva que contrapõe o que ela acredita e conhece através de opiniões alheias e distorcidas. A partir desse encontro, Christine de Pizan será afetada pela filosofia e educada no amor pelas três damas e mestras: razão, retidão e justiça. Estas auxiliarão positivamente a autora em sua afirmação enquanto mulher, dona de si e de sua subjetividade.

## AMOR INTERIOR

bell hooks em seu texto *Vivendo de amor*, nos ensina que a afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão 'amor interior' e não 'amor próprio' porque a palavra 'próprio' é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros (hooks, 2000, p. 195). Nesse sentido, a autora pretende nos alertar que o amor é um cuidado de si que se reconhece plenamente para (re)conhecer o próximo, em um movimento que contemple de fato a alteridade. Esses princípios são essenciais para compreendermos o processo educativo promovido pelas damas: razão, retidão e justiça à Christine de Pizan.

Processo educativo que consiste em reconhecer o amor como um afeto vital na autoafirmação feminina. Vale ressaltar que uma educação que não educa o amor interior (autoestima) deseduca. Desse modo, as damas desejam romper o pensamento de desprezo que moldou Christine de Pizan, aprisionando-a em categorias definidas a serviço da invisibilidade e depreciação do sexo feminino, que reservam lugares previamente estabelecidos no tecido social, sendo algumas

das suas justificativas a supressão do erótico<sup>44</sup> e a reclusão das mulheres em posições inferiorizadas, sem a possibilidade do reconhecimento do amor como um poder. Em Audre Lorde (2013):

Há muitos tipos de poder: os que são utilizáveis e os que não são, os reconhecidos e os desconhecidos. O erótico é um recurso que mora no interior de nós mesmas, assentado em um plano profundamente feminino e espiritual, e firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos não pronunciados e ainda por reconhecer. Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer as fontes de poder inerentes à cultura das pessoas oprimidas, fontes das quais pode surgir a energia da mudança. No caso das mulheres, isso se traduziu na supressão do erótico como fonte de poder e informação em nossas vidas. Fomos ensinadas a desconfiar desse recurso, que foi caluniado, insultado e desvalorizado pela sociedade ocidental. De um lado, a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram induzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder (LORDE, 2013, s/p).

Em contraposição à supressão do erótico, razão, retidão e justiça indagam a sua pupila em relação ao uso do bom senso e o exercício do discernimento em relação às palavras e às coisas, especialmente em ir além do que está dito e escrito. As damas citam os filósofos (os ilustres homens entendidos e esclarecidos) para demonstrar a Christine de Pizan que nem tudo o que eles pensam e dizem é digno de fé, pois eles podem se enganar. Razão, retidão e justiça distinguem o terrestre do celeste ao enunciarem os enganos que os filósofos podem cometer e provocar, levando em conta que eles não são deuses, mas humanos. E, como tais, estão propensos ao erro.

Christine de Pizan é educada através do amor das mestras razão, retidão e justiça, as quais exprimem tratamento afetivo, ora chamando-a de minha filha, cara, amiga, bela. Há uma dimensão amorosa e subjetiva na educação que

---

<sup>44</sup> "A própria palavra erótico vem do grego *Eros*, a personificação do amor em todos os seus aspectos – nascido do Caos, e personificando o poder criativo e a harmonia. Então, quando falo do erótico, o estou pronunciando como uma declaração da força vital das mulheres, daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e uso estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas" (Lorde, 2013).

transcende a racionalidade e objetividade tão propaladas e estimuladas na filosofia. Dessa forma, as damas educam o amor interior (autoestima) de Christine de Pizan. Este amor tão retalhado e mal dito por um mundo androcêntrico que mobiliza discursos de negação propalados por homens das mais diversas áreas do conhecimento. Contudo, a autora não universaliza a sua percepção em relação aos homens e reconhece em *A cidade das damas* que há homens bons. Assim, Christine de Pizan cita seu pai como um dos exemplos. Contudo, existe o dispositivo<sup>45</sup> de masculinidade que (con)forma os homens, do qual nem seu próprio pai está imune.

Christine, imersa em um mar de críticas negativas, não enxerga a si mesma. Porém, as damas buscam mostrar a ela as faces e os modos de ser dos pensamentos irrefletidos, nos quais repousa a sua negação ao sexo feminino. Ao solicitar de sua discípula um constante retorno à sua consciência e uma posição de combate contra o mundo de críticas tecido por homens que menosprezam as mulheres, as damas substituem em Christine de Pizan a crítica negativa pelo reconhecimento positivo de si e das demais mulheres.

Quando a razão se apresenta a Christine de Pizan e diz que o seu papel é mostrar nitidamente na consciência de cada uma e de cada um seus defeitos e suas qualidades, ela está expondo o que é próprio da razão: ser juíza e ré de si mesma. O emblemático espelho resplandecente que a razão carrega na mão direita, mostrando para quem quer que veja o fundo de sua alma, constitui o objeto que propicia um confronto do ser consigo. Nesse sentido, a dama razão nos questiona: quem quer ver os recônditos de sua alma? Este gesto sinaliza para Christine de Pizan a necessidade de se definir ao olhar o espelho e enxergar de fato o que se vê, percebendo o quão seu interior precisa da ação do amor. bell hooks, trazendo para o centro da cena a experiência das mulheres negras, nos conscientiza que

ao definir o que vê, talvez perceba que seu interior merece ou precisa de amor. Nunca ouvi uma mulher negra dizer num grupo de apoio que não precisa de amor. Ela pode até querer esconder essa necessidade, mas não é preciso muito tempo de análise para que reconheça isso. Se perguntarmos diretamente a uma mulher negra se ela precisa de amor, a resposta provavelmente será positiva. Para nos amarmos interiormente, precisamos antes de

---

<sup>45</sup> O dispositivo fabrica subjetividades. Cf. Deleuze, 1990.

tudo prestar atenção, reconhecer e aceitar essa necessidade. Se acreditarmos que não seremos punidas por reconhecermos quem somos ou o que sentimos, poderemos entender melhor nossas dificuldades (hooks, 2000, p. 196).

É primordial que Christine de Pizan, assim como as mulheres negras, reconheçam que necessitam de amor, especialmente de amor interior, como um meio de seguir lutando contra as violências que despedaçam e ceifam seres. Muitas mulheres sofreram de forma resignada os insultos que lhes fizeram, mas chegou o momento de fortificar a sua interioridade e viver de amor.

Não podemos esquecer que no livro *A cidade das damas*, a missão de razão, retidão e justiça consiste em educar Christine de Pizan para a construção da Cidade, e para esse propósito necessitavam descolonizar o imaginário da sua discípula, soprando para longe todo o desgosto e desprezo que ela nutria em torno de si e de outras mulheres. Essa missão se assemelha a alguns dos propósitos do texto *Vivendo de amor*, de bell hooks, que busca educar e conscientizar a interioridade das pessoas negras, ensinando-lhes que elas merecem e devem ser amadas. Pois esse amor nutre o crescimento espiritual, possibilitando a construção de uma força interior que ergue a cidade que irá abrigar todas as pessoas fortalecidas e abraçadas em seu amor educado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta reunião de fios textuais de afeto é um convite para pensarmos e dialogarmos com/entre pessoas, pois falar de afeto não é um assunto exaustivo e não se conclui aqui. Esta tessitura foi um trabalho que propiciou o encontro entre Christine de Pizan, bell hooks, nós leitoras e leitores, e que segue aberto, pois busca muito mais apresentar um movimento do pensamento do que um pensamento propriamente acabado sobre a manifestação (concretude) do afeto na vida das mulheres, em especial das mulheres negras. Na esteira de hooks, parto do princípio de que:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos, é possível

transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (hooks, 2000, p. 198).

Portanto, tencionei apresentar que Christine de Pizan e bell hooks, a partir de seus lugares e suas próprias perspectivas históricas, culturais, raciais, têm muito o que dialogar conosco, transmitindo-nos o poder infinito do amor na cura e na libertação da opressão, e educando-nos sobre a construção de cidades e cidadanias que ajudam a transformar o mundo onde gostaríamos de viver.

## REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 16 (1): 288, janeiro-abril, 2008.
- CALADO, L. E. F. *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *O que é um dispositivo? ¿Que és um dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de wanderson flor do nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/olhares.html>. Acesso em: 24 de jul. de 2025.
- HOOKS, bell. *All about love*. Harper Perennial. New York, 2001.
- HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, p. 188-198, 2000.
- LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. Traduzido por tatiana nascimento dos santos em julho de 2013 de *Uses of the Erotic: The Erotic as Power*, in: *Sister Outsider: Essays and Speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59. Disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/11/usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-audre-lorde/>. Acesso em: 15 de jul. de 2025.
- LORDE, Audre. Poesia não é um luxo. Traduzido por tatiana nascimento dos santos em novembro de 2012 de *Poetry is no luxury*, do livro *Sister Outsider: Essays and Speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 36-39. Disponível em: <https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/13/poesia-nao-e-um-luxo-de-audre-lorde/>. Acesso em: 11 de jul. de 2025.
- PIZAN, Christine de. *A cidade das damas*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012.
- PLATÃO. *O banquete*. Tradução de Donaldo Schüller. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.
- SANTANA, Andreia. *bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas*. Disponível em: <http://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 18 de jul. de 2025.

WALKER, Alice. *De amor e desespero*: histórias de mulheres negras. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WUENSCH, Ana Míriam. O que Christine de Pizan nos faz pensar. *Graphos*: Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, v. 15, n. 1: Estudos Medievais, p. 1-12, 2013.